

GALERIA BESSA ARTES

Galeria de Arte Contemporânea.

Galeria Bessa Artes

Rua das Janelas Verdes, 76 | 1200-691 Lisboa

951987

www.bessaartes.pt | +351 213

galeria@bessaartes.pt

Exposição de Pintura de Francisco Ferro
15 setembro/16 outubro 2016

A Cor e a Palavra em *Peregrinação* com Fernam Mendez Pinto

António M. Ferro
Lisboa, 05-VII-2016

A presença da água, seja ela rio ou mar, é constante e obsessiva na *Peregrinação*. Livro também da terra – há que reconhecê-lo –, frequentemente olhada da distância aquática no incessante movimento, ora *rio abaixo* ora *rio acima*, como margem do elemento líquido, como horizonte mais ou menos distante, por vezes limite esfumado, outras vezes detalhadamente exposta na sua fisicidade e objetividade concretas ou na sua organização política e judicial – atente-se, por exemplo, na descrição da China como modelo de boa governação –, a *Peregrinação* é, no entanto, sobretudo um livro da água – o persistente azul que inunda as várias telas desta exposição recorda-nos por certo precisamente isso.

Os três grandes livros da gesta das Descobertas, momento máximo da afirmação do País como entidade histórica e como *Espírito do tempo* (Hegel), *Os Lusíadas*, a *Peregrinação* e essa recolha espantosa de relatos de naufrágios e desastres marinhos, de mortes e de lágrimas de Portugal, que é a *História Trágico-Marítima*, constituem a afirmação inegável de que Portugal foi Mar e porque já não é Mar, é hoje aquilo que é – a memória de um naufrágio, a narrativa exausta e repetida de naufragos na praia à espera. Mas de quê? Mas de quem, se D. Sebastião, é mais que sabido, não volta?

Nas franjas mais orientais do Império, cedo entrado em amara decadência, milhares de portugueses faziam pela vida – ontem como hoje que o eterno retorno do idêntico é lei? – quer em nome da Coroa e proveito desta, e deles próprios, quer como mercenários ao serviço de reis e senhores locais. Alguns deles à margem da Coroa e contra esta até, na situação de *levantados*, isto é, de gente que se dedicava por conta própria à pirataria e ao corso, tendo-se subtraído a qualquer controlo de governadores e capitães. De não poucos dentre eles nos fala Fernam Mendez Pinto – quiçá um deles? – em sua *Peregrinação*.

A grande obsessão eram o ouro e a prata, e para tê-los se comerciava, se roubava e se matava – deste mundo de comerciantes e ladrões se tece o texto –, lado obscuro do épico *dilatando a Fé e o Império*.

De azul-marinho obsessivo e repetido, nascendo do branco em que tudo se pode inscrever, de ouro brilhante que o amarelo e o dourado insinua, de prata fria e lunar, de rubro sanguíneo e de verdes sugerindo margens, limites aquáticos mais ou menos distantes – *se pinta* multicolor o livro do *pobre de mim*? E assim se tornou tela e cor e linhas na paleta de Francisco Ferro a *Peregrinação* de Fernam Mendez Pinto, texto-viagem do nosso contentamento descontente.

The Colour and the Word in *Peregrinação* with Fernam Mendez Pinto

António M. Ferro
Lisboa, 05-VII-2016

The presence of water, be it a river or sea, is constant and obsessive in *Peregrinação*. A book also concerning land – it should be made clear –, often seen from a shifting aquatic distance, sometimes upriver and sometimes downriver, as a border of the liquid surroundings, as a more or less distant horizon, sometimes mist-drenched, other times minutely exposed in its physicality and concrete objectivity or in its political and judicial organization – of note, for example, the description of China as a model of good governance –, *Peregrinação* is, however, above all else a book concerning water; the persistent blue that floods the various canvases that comprise this exposition reminds us precisely of that fact.

The three great works that comprise the *Descobertas*-canon, covering the apex of the Nation as an entity in history and as its *Zeitgeist*, *Os Lusíadas*, *Peregrinação* and the astonishing record of reports of

shipwrecks and maritime disasters, of deaths and of the grief of Portugal which is *História Trágico-Marítima*, constitute the unique claim that because Portugal was of the sea but is no longer, that it is what it is today – the memory of a shipwreck, a narrative both exhaustive and repetitive of shipwrecked sailors left waiting on a beach. But of what? But of who, if *D. Sebastião*, as it is well known, shall not return?

On the most oriental fringes of the Empire, too soon fallen into bitter decadence, thousands of Portuguese made their livelihoods, whether in the name of the Crown and for its benefit and their own, or as mercenaries in service of the king and of local lords. Some, finding themselves on the fringes of the Crown and even aligning against it, as *levantados*, that is to say, people who of their own volition turned to piracy and larceny, having removed themselves from under all forms of governance and captaincy. Many such individuals are chronicled by Fernam Mendez Pinto – himself perhaps amongst them? – in *Peregrinaçam*.

The great obsession was gold and silver, and to obtain them they traded, they stole and they killed – from this world of merchants and thieves was the text woven –, the darker and less known side of that which inspired Camões' epic *Os Lusíadas*.

From obsessive and repeated blue-marine, emerging from the white in which anything can be recorded, of gold brighter than what yellow and golden hues merely hint at, of cold and lunar silver, of sanguine ruby and of green emerging from the margins, aquatic borders both close and far – perhaps it from all these that the work of Fernam Mendez Pinto emerges. And as such through canvas and colour and lines did the palette of Francisco Ferro meet with Fernam Mendez Pinto's *Peregrinaçam*, the literary voyage of our discontent contentment.